Pesquisa Multidisciplinar
EM SAÚDE
EDIÇÃO XXII

Capítulo 75

OS DESDOBRAMENTOS HOLÍSTICOS ACERCA DA PANDEMIA DA COVID-19 EM ADOLESCENTES COM TEA

VERÔNICA CRISTINA CARVALHO CHAVES[1]
ANDRÉ LUIS SOUSA ALBUQUERQUE[1]
BRUNA FERNANDES SOUTO DE OLIVEIRA[1]
ISABELA HENZ TONIAL[1]
JORDANA ALVES MACEDO[1]
JÚLIA BORGES DE SÁ GUIMARÃES[1]
MARIA JULIA TEIXEIRA COSTA E SILVA[1]
MURILO DIONÍSIO PARREIRA LIRA[1]
ROGÉRIO JOSÉ DE ALMEIDA[2]
ROSITA VIEIRA DE OLIVEIRA[1]

[1]Discente – Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
[2]Docente – Departamento de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Palavras-chave: *COVID-19; Autismo; Adolescentes.*

DOI 10.59290/8093210010

EDITORA PASTEUR

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 iniciou-se em dezembro de 2019 em Wuhan, na China. Devido ao modo de transmissão do agente etiológico, que se dá pelo contato com secreções de pessoas infectadas, a disseminação do vírus SARS-CoV-2 se deu de maneira vertiginosa por todo o globo. Dessa forma, foram necessárias medidas intervencionistas com o fito de diminuir essa disseminação, destacando-se o isolamento social, que, embora tenha sido eficaz como uma medida de saúde pública, revelou diversas respostas psicológicas e comportamentais nos indivíduos (BOTH *et al*., 2021).

No que diz respeito a essa pandemia, os indivíduos com Transtorno de Espectro Autista (TEA) se mostraram mais vulneráveis, devido às diferenças de comunicação, socialização e processamento de informações. Concomitante ao processo de adaptação necessário durante a pandemia, os indivíduos com TEA apresentaram outras limitações, como deficiência intelectual, precauções de saúde comportamental e desafios de comunicação expressiva, dificultando a comunicação em relação à dor, sintomas da doença ou sofrimento emocional (BAWEJA *et al*., 2022).

A pandemia evidenciou e aumentou as disparidades educacionais e de saúde, principalmente no que tange aos adolescentes com TEA, dado o potencial de exacerbação dos sintomas do transtorno, acesso limitado a terapias, assistência social e atividades. Assim, foi revelado um verdadeiro desafio imposto a esses indivíduos e a seus familiares em relação às consequências desse acontecimento histórico no bem-estar e qualidade de vida (TEIXEIRA *et al*., 2022).

Denota-se, de tal modo, uma complexa associação de fatores diante da COVID-19, que muito ultrapassa o modelo biologicista, e os impactos dessa doença na saúde como um todo. Por tudo isso, o presente estudo faz-se indispensável pela necessidade de direcionar opiniões e discussões sobre os desdobramentos holísticos da pandemia da COVID-19o presente estudo mostra-se relevante pela necessidade de subsidiar discussões acerca dos desdobramentos biopsicossociais na saúde e no bem-estar dos adolescentes com TEA, o que poderá favorecer a aplicação do conhecimento científico na prática em saúde, permitindo o desenvolvimento e implementação de medidas psicossociais e educacionais para esse grupo populacional. Ademais, o estudo poderá ampliar a compreensão sobre o autismo na população jovem, fomentar novas pesquisas acerca da temática e contribuir para a promoção da qualidade de vida e do bem-estar dos adolescentes com TEA.

Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo analisar, por meio de uma revisão sistemática, os impactos biopsicossociais da pandemia da COVID-19 em adolescentes com TEA.

MÉTODO

Tratou-se de uma revisão sistemática da literatura científica, cuja fonte de dados foi constituída por estudos primários. O método se justificou pela necessidade de sintetizar os diferentes estudos relacionados ao tema, além de permitir a análise desses estudos com foco nos impactos biopsicossociais da pandemia da COVID-19 em adolescentes com TEA.

Por meio da revisão sistemática, foi possível identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis da temática de interesse. Assim, foram selecionadas as informações acerca do tema, pois considera-se que, principalmente na área da saúde, o método se tornou ainda mais valioso, uma vez que contribuiu para a tomada de decisões por parte de

profissionais, potencializando o aperfeiçoamento da prática e a atualização do conhecimento (PAGE *et al*., 2021).

Foram seguidas as diretrizes PRISMA para elaboração desta revisão sistemática. O estudo seguiu as seguintes etapas: identificação do material (busca nas bases de dados científicas), seleção e elegibilidade (exclusão de registros duplicados e aplicação dos critérios de exclusão) e definição das publicações que serão analisadas como amostra final (MUNN *et al*., 2022; PAGE *et al*., 2021).

Buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa e seus desdobramentos empíricos: Quais são os impactos biopsicossociais da pandemia da COVID-19 nos adolescentes com TEA?

A presente revisão sistemática utilizou como bases de dados bibliográficas: Medline/ PubMed (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*), Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e Periódicos Capes. Para a busca dos artigos, foram utilizados os descritores que apresentaram maior relação e relevância com o tema proposto: "COVID-19", "adolescentes" e "TEA". Durante a busca, foram utilizados os operadores booleanos "*AND*" e "*OR*" entre os termos utilizados, visando alcançar produção bibliográfica específica.

Os critérios de inclusão foram: artigos originais e período de publicação compreendido nos últimos cinco anos (2021-2025). Os critérios de exclusão foram: publicações restritas, textos em carta ao editor, publicações repetidas, artigos de revisão bibliográfica e aqueles com tempo de publicação há mais de cinco anos.

O fluxograma apresentado na **Figura 75.1** contém as informações de pesquisa nas bases de dados seguindo as etapas do PRISMA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o fluxograma **(Figura 75.1)**, foram eleitos 14 artigos para composição da amostra final, sendo um de 2020, cinco de 2021, seis de 2022, um de 2023, e, por fim, um de 2024. A pandemia da COVID-19 trouxe desafios inéditos para adolescentes com TEA, com repercussões que ultrapassaram os limites da saúde física e atingiram aspectos psicológicos, sociais e familiares. A interrupção das rotinas estruturadas, fundamentais para esse grupo, resultou em regressões de habilidades e intensificação de sintomas, como demonstrado em estudos no Qatar e nos Estados Unidos da América (EUA), onde pais relataram aumento de dificuldades comportamentais e emocionais durante o confinamento (ALSHABAN *et al*., 2024; FURAR *et al*., 2022).

Do ponto de vista biológico, a ausência de terapias presenciais, como fonoaudiologia e terapia ocupacional, afetou diretamente o desenvolvimento adaptativo e comunicacional dos adolescentes. Estudos realizados nos EUA e na Espanha evidenciaram que a falta de estímulos consistentes comprometeu tanto o aprendizado de novas habilidades quanto a manutenção de competências adquiridas, ampliando os atrasos em áreas já fragilizadas (LOPATA *et al*., 2021; NAVARRO *et al*., 2022).

Em relação ao impacto psicológico, as pesquisas revelaram que a pandemia intensificou sintomas de ansiedade, irritabilidade e desregulação emocional, características já presentes no TEA. Adolescentes com maiores dificuldades de compreensão das mudanças mostraram-se particularmente vulneráveis, apresentando crises comportamentais recorrentes. Essa tendência foi observada em contextos distintos, como relatado em estudos conduzidos na Turquia e na América Latina, indicando um padrão global de

sofrimento emocional (COELHO *et al*., 2022; MUTLUER *et al*., 2020).

No campo social, a suspensão das atividades escolares presenciais e a redução das interações entre pares prejudicaram significativamente o desenvolvimento das habilidades sociais desses adolescentes. Pesquisas na Polônia e na Espanha destacaram a percepção de isolamento e exclusão, reforçando o impacto negativo do distanciamento social na construção de competências socioemocionais, essenciais para a adolescência (BŁESZYŃSKI *et al*., 2022; NAVARRO *et al*., 2022).

A sobrecarga das famílias também merece destaque. O fechamento de escolas e serviços especializados transferiu quase integralmente para os cuidadores a responsabilidade pelo acompanhamento diário, aumentando o estresse parental. Estudos no Uruguai e no Qatar demonstraram que os cuidadores relataram níveis elevados de exaustão e sintomas de depressão, afetando não apenas seu bem-estar, mas também a dinâmica familiar e a qualidade do suporte oferecido aos adolescentes (GARRIDO *et al*., 2021; KHAN *et al*., 2021).

Por outro lado, alguns estudos apontaram nuances positivas durante o confinamento. Em determinados casos, o aumento do tempo em família favoreceu a criação de vínculos mais próximos entre adolescentes e seus cuidadores, proporcionando maior sensação de segurança e estabilidade. No entanto, essa experiência positiva não foi homogênea, dependendo do suporte social disponível e da gravidade dos sintomas apresentados, como demonstrado em análises multicêntricas (BAWEJA *et al*., 2022; LUGO *et al*., 2021).

O ensino remoto revelou-se uma barreira significativa para adolescentes com TEA, dado que muitos não conseguiram se adaptar ao formato digital. As dificuldades de concentração, o excesso de estímulos visuais e a ausência de mediação direta de professores e terapeutas dificultaram a aprendizagem. Tanto em países europeus quanto na América Latina, constatou-se que essa inadequação pedagógica aprofundou as desigualdades educacionais já existentes (COELHO *et al*., 2022; NAVARRO *et al*., 2022).

A telemedicina emergiu como uma alternativa para mitigar a interrupção dos atendimentos, mas seus resultados foram variáveis. Enquanto algumas famílias relataram benefícios na manutenção de acompanhamento psicológico e médico, outras apontaram limitações relacionadas à acessibilidade tecnológica e à dificuldade de engajamento dos adolescentes em interações virtuais. Estudos de delineamento misto sugerem que a efetividade dessa modalidade dependeu fortemente do nível de suporte familiar e dos recursos disponíveis (DEKKER *et al*., 2022; HALL *et al*., 2023).

Além disso, os impactos biopsicossociais não se restringiram aos adolescentes, mas afetaram de forma sistêmica todo o núcleo familiar. Pesquisas indicam que o sofrimento dos cuidadores amplificou os desafios enfrentados pelos adolescentes, criando um ciclo de retroalimentação entre sobrecarga parental e piora de sintomas comportamentais. Essa interdependência ressalta a importância de considerar o bem-estar da família como um fator central nas intervenções em tempos de crise (FURAR *et al*., 2022; LUGO *et al*., 2021).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, evidencia-se que a pandemia da COVID-19 teve repercussões profundas e multifatoriais sobre adolescentes com TEA, atingindo de forma significativa os âmbitos biológico, psicológico e social. A interrupção de terapias presenciais e a dificuldade de

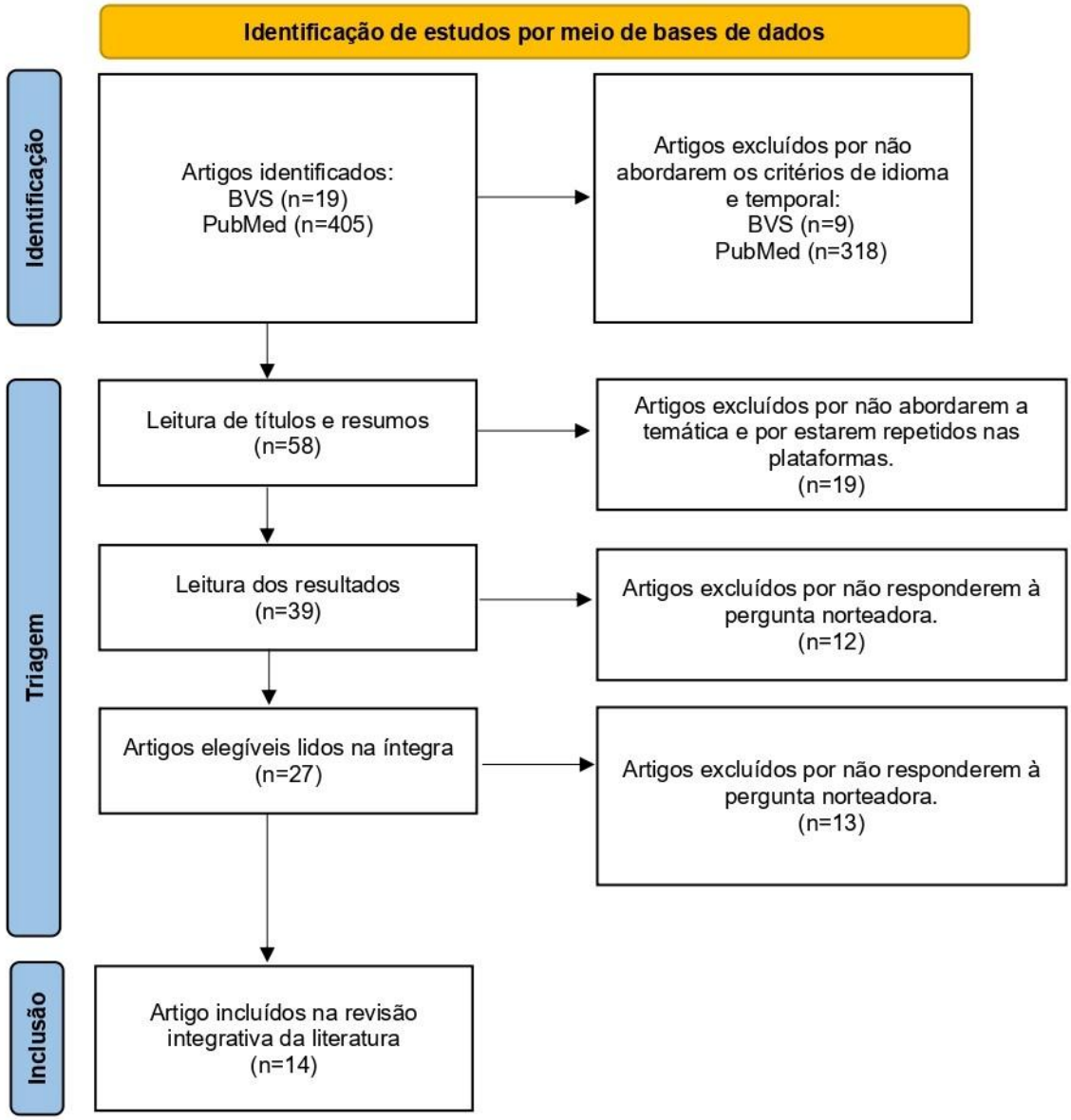
adaptação ao ensino remoto contribuíram para regressões no desenvolvimento adaptativo, enquanto a ausência de rotinas estruturadas intensificou sintomas de ansiedade e desregulação emocional. Esses impactos reforçam a vulnerabilidade desse grupo em situações de crise sanitária, evidenciando a necessidade de estratégias preventivas e de continuidade de cuidado.

No âmbito social e familiar, ficou evidente que o isolamento acentuou as barreiras de interação social, dificultando o desenvolvimento de competências essenciais na adolescência. Além disso, a sobrecarga atribuída às famílias, pela falta de apoio escolar e terapêutico, comprometeu tanto a saúde mental dos cuidadores quanto a qualidade da atenção oferecida aos adolescentes. Esse ciclo de retroalimentação entre sofrimento familiar e agravamento dos sintomas destaca a importância de políticas públicas voltadas não apenas ao indivíduo com TEA, mas ao núcleo familiar como um todo.

Apesar das dificuldades predominantes, o estudo também aponta para experiências positivas em alguns contextos, como o fortalecimento dos vínculos afetivos e a oportunidade de adaptação de serviços de saúde e educação para formatos remotos. Contudo, a efetividade de iniciativas como a telemedicina e o ensino online foi heterogênea, dependendo de recursos tecnológicos, suporte familiar e características individuais dos adolescentes. Essas experiências mostram que, em cenários de crise, intervenções inovadoras podem mitigar parte dos prejuízos, mas precisam ser planejadas com maior acessibilidade e adequação às necessidades específicas do TEA.

Por fim, essa revisão possibilitou compreender de forma integrada como a pandemia da COVID-19 impactou adolescentes com TEA em seus aspectos biopsicossociais, revelando tanto vulnerabilidades estruturais quanto potenciais caminhos de intervenção. Ao reunir evidências de diferentes contextos culturais e metodológicos, foi possível identificar padrões comuns de dificuldades e fatores protetores, contribuindo para a formulação de estratégias mais inclusivas e resilientes. Assim, esse trabalho reforça a importância de pesquisas longitudinais e políticas intersetoriais que assegurem a continuidade do cuidado e a promoção do bem-estar dessa população em futuras situações de crise.

Figura 75.1 Fluxograma PRISMA com informações das pesquisas nas bases de dados



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSHABAN, F. A. *et al*. Effects of COVID-19 on Autism Spectrum Disorder in Qatar. Frontiers in Psychiatry, v. 15, p. 1322011, 2024. DOI: 10.3389/fpsyt.2024.1322011.

BAWEJA, R. *et al*. COVID-19 Pandemic and Impact on Patients with Autism Spectrum Disorder. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 52, n. 1, p. 473-482, 2022. DOI: 10.1007/s10803-021-04950-9.

BŁESZYŃSKI, J. *et al*. The Experience of the COVID-19 Pandemic by Persons with ASD: Social Aspects. PLoS ONE, v. 17, n. 6, p. e0267123, 2022. DOI: 10.1371/journal.pone.0267123.

BOTH, L. M. *et al*. COVID-19 Pandemic and Social Distancing: Economic, Psychological, Family, and Technological Effects. Trends in Psychiatry and Psychotherapy, v. 43, n. 2, p. 85-91, 2021. DOI: 10.47626/2237-6089-2020-0085.

COELHO-MEDEIROS, M. E. *et al*. Impacto del Confinamiento en Pandemia COVID-19 en la Conducta de Niños, Niñas y Adolescentes con Trastorno del Espectro Autista. Andes Pediatrica, v. 93, n. 6, p. 832-840, 2022. DOI: 10.32641/andespediatr.v93i6.4095.

DEKKER, L. *et al*. Impact of the COVID-19 Pandemic on Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorder and Their Families: A Mixed-Methods Study Protocol. BMJ Open, v. 12, n. 1, p. e049336, 2022. DOI: 10.1136/bmjopen-2021-049336.

FURAR, E. *et al*. The Impact of COVID-19 on Individuals with ASD in the US: Parent Perspectives on Social and Support Concerns. PLoS ONE, v. 17, n. 8, p. e0270845, 2022. DOI: 10.1371/journal.pone.0270845.

GARRIDO CANDELA, G. *et al*. Covid-19 y Autismo: Impacto en las Personas con Autismo y Sus Familias en Uruguay. Revista de Psiquiatría del Uruguay, v. 85, n. 1, p. 13-27, 2021. DOI: 10.46706/PSI/85.1.1.

HALL, C. L. *et al*. Understanding the Impact of Home Confinement on Children and Young People with ADHD and ASD during the COVID-19 Pandemic. Child Psychiatry and Human Development, v. 55, n. 5, p. 1279-1293, 2023. DOI: 10.1007/s10578-022-01490-w.

KHAN, Y. S. *et al*. The Impact of COVID-19 Pandemic Social Restrictions on Individuals with Autism Spectrum Disorder and Their Caregivers in the State of Qatar: A Cross-Sectional Study. Research in Developmental Disabilities, v. 119, p. 104090, 2021. DOI: 10.1016/j.ridd.2021.104090.

LOPATA, C. *et al*. Effect of COVID-19 Stay-at-Home Restrictions on Parent Reported Symptom Severity and Adaptive Functioning of Youth with ASD. Journal of Developmental and Physical Disabilities, v. 34, n. 3, p. 459-470, 2022. DOI: 10.1007/s10882-021-09808-7.

LUGO-MARÍN, J. *et al*. COVID-19 Pandemic Effects in People with Autism Spectrum Disorder and Their Caregivers: Evaluation of Social Distancing and Lockdown Impact on Mental Health and General Status. Research in Autism Spectrum Disorders, v. 83, p. 101757, 2021. DOI: 10.1016/j.rasd.2021.101757.

MUNN, Z. *et al*. Systematic Review or Scoping Review? Guidance for Authors When Choosing Between a Systematic or Scoping Review Approach. BMC Medical Research Methodology, v. 18, n. 1, p. 143, 2018. DOI: 10.1186/s12874-018-0611-x.

MUTLUER, T.; DOENYAS, C.; ASLAN GENC, H. Behavioral Implications of the Covid-19 Process for Autism Spectrum Disorder, and Individuals' Comprehension of and Reactions to the Pandemic Conditions. Frontiers in Psychiatry, v. 11, p. 561882, 2020. DOI: 10.3389/fpsyt.2020.561882.

NAVARRO, I. P. *et al*. El Impacto de la Pandemia por COVID-19 en Población Infanto-Juvenil Española con Trastorno del Espectro Autista y en su Familia. Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes, v. 9, n. 1, p. 72-81, 2022. DOI: 10.21134/rpcna.2022.09.1.8.

PAGE, M. J. *et al*. The PRISMA 2020 Statement: An Updated Guideline for Reporting Systematic Reviews. The BMJ, v. 372, p. n71, 2021. DOI: 10.1136/bmj.n71.

SALMERÓN-MEDINA, M. *et al*. Analysis of the Impact of COVID-19 on Youngsters with Autistic Spectrum Disorder. Revista de Neurología, v. 74, n. 6, p. 181-188, 2022. DOI: 10.33588/rn.7406.2021291.

TEIXEIRA, O. F. B. *et al*. Repercussions of the COVID-19 Pandemic for People with Autism and Their Family Members: A Scoping Review. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 30, p. e3729, 2022. DOI: 10.1590/1518-8345.5965.3729.